

CONSIDERAÇÕES A PARTIR DO FILME “O CAPITAL” SOBRE A FINANCEIRIZAÇÃO DO MUNDO E DA VIDA

*Sandro Luiz Bazzanella¹
Danielly Borguezan²*

RESUMO: O presente artigo é resultado da análise do filme “O Capital” (Le Capitale), lançado em 4 de outubro de 2013 (1h53min). Direção: Costa-Gavras. Elenco: Gad Elmaleh, Gabriel Byrne, Natacha Régnier; Gêneros: Drama, Suspense. Nacionalidade: França. A referida obra cinematográfica coloca em debate a financeirização do mundo, das relações sociais e individuais em que a sociedade contemporânea está envolvida. O crédito que substituiu no imaginário individual e social a ideia de dinheiro, mas que preserva a sua condição “essencial” como aquilo que desperta reações, paixões, desejos mobilizando forças vitais, determinando as expectativas de vida, de futuro dos seres humanos e sociedades, apresenta-se na forma de transcendência. Assim, na condição de transcendência exige culto, sacrifício e, sobretudo crença incondicional em suas condições de efetivação de suas promessas de uma economia da salvação. A financeirização dos espaços e tempos vitais nas quais se movem sociedades e indivíduos demarca o recrudescimento da ação política realizada entre homens com o fim de potencialização do espaço público como lócus por excelência do bem viver, da busca da felicidade. O dogma da financeirização afirma diuturnamente que a felicidade pode ser comprada e, usufruída individualmente basta ter crédito, ter fé no futuro.

Palavras-chave: Política. Economia Financeira. Crédito. Felicidade.

¹Professor de Filosofia e do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade do Contestado. Líder do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas – Cnpq; Coordenador do Grupo de Estudo em Giorgio Agamben – Universidade do Contestado. Santa Catarina Brasil. E-mail: sandroluizbazzanella@gmail.com

²Advogada, Coordenadora do Curso de Direito; Mestre em Desenvolvimento Regional da Universidade do Contestado. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas – Cnpq; Membro do Grupo de Estudo em Giorgio Agamben. Universidade do Contestado (UnC). Santa Catarina. Brasil. E-mail: dany.borguezan@hotmail.com

CONSIDERATIONS FROM “THE CAPITAL” FILM: ON THE FINANCING OF THE WORLD AND LIFE

ABSTRACT: This article is the result of the analysis of the film "The Capital" (Le Capitale), released on October 4, 2013 (1h53min). Direction: Costa-Gavras. Cast: Gad Elmaleh, Gabriel Byrne, Natacha Régnier; Genres: Drama, Thriller. Nationality: France. The aforementioned cinematographic work challenges the financialization of the world, of the social and individual relations in which contemporary society is involved. The credit that replaced the idea of money in the individual and social imaginary, but which preserves its "essential" condition as that which awakens reactions, passions, desires mobilizing vital forces, determining the expectations of life, the future of human beings and societies, Presents itself in the form of transcendence. Thus, in the condition of transcendence requires worship, sacrifice and, above all, unconditional belief in its conditions of realization of its promises of an economy of salvation. The financialisation of spaces and vital times in which societies and individuals move, marks the intensification of the political action carried out among men with the aim of enhancing the public space as the locus par excellence of well-being and the pursuit of happiness. The dogma of financialization affirms day after day that happiness can be bought and, enjoyed individually, it is enough to have credit, to have faith in the future.

Keywords: Politics. Financial Economy. Credit. Happiness.

1 ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

Na modernidade a economia adentra o espaço público e apresenta-se na forma da “economia política”. A economia compreendida e vivenciada pelos gregos antigos na esfera da vida privada (*oikonomia*)³ como conjunto de relações e situações vinculadas a manutenção da vida biológica (*zoè*)⁴, dos membros da família, passa a conduzir e, sobretudo decidir sobre a manutenção e potencialização

³ *Oikonomiké* e *politiké* são dois adjetivos que qualificam a palavra *tékhnē* (cf. infra n. 3), aqui subentendida. Na base do termo *oikonomia* encontramos a palavra *oikos*, que significa não apenas “casa” (equivalendo assim a vocábulos como *oikia*, *dōma*), mas tende a abranger a “casa e o conjunto de bens familiares”; o segundo termo é correlativo do verbo *némein*, cujo sentido incide na ideia de “administrar”, “gerir”. Em consequência, a *oikonomia*, sobretudo, nos produtos rurais. No entanto, a agregação dos vários *oikoi* conduz à noção mais ampla da *polis*, que visa também o ideal do equilíbrio e da autossuficiência. (ARISTÓTELES, 2011, p. 5)

⁴ Os gregos não possuíam um termo único para exprimir o que nós queremos dizer com a palavra *vida*. Serviam-se de dois termos, semântica e morfologicamente distintos, ainda que reportáveis a um étimo comum: *zoé*, que exprimia o simples fato de viver comum a todos os seres vivos (animais, homens ou deuses) e *bíos*, que indicava a forma ou maneira de viver própria de um indivíduo ou de um grupo. (AGAMBEN, 2002, p. 09)

da vida e da morte de populações e indivíduos. Aristóteles em seus escritos econômicos assim argumenta:

1. A arte de administrar uma casa e a de administrar uma *polis* diferem entre si não apenas na medida em que a casa e a *polis* também diferem (uma vez que aquela é o fundamento desta), mas ainda no fato de a administração da *polis* envolver muitos governantes e de a administração doméstica depender somente de um. (ARISTÓTELES, 2011, p. 5).

Tal condição se tornou hegemônica na atualidade a ponto de subverter a economia política instaurada pela modernidade apresentando-se contemporaneamente na hegemonia da política econômica. Estamos vivendo em tempos de “predomínio da economia sobre todas as esferas da vida política e social [...] e isso nos leva a refletir sobre a inédita relação que tal processo instaurou entre as modalidades de existência de cada indivíduo e a gestão econômica global” (STIMILI, 2015, p. 77-105).

Entre inúmeras variáveis, é possível ter em consideração que a economia política instaurada na modernidade se caracterizava por uma intensa e tensa relação entre a esfera da política e da economia. O crescimento da atividade econômica mercantil e posteriormente industrial requeria da política condições e garantias de sua dinâmica de acumulação. Em contrapartida contribuiu necessariamente para a afirmação do Estado-nação, da interdependência e independência dos três poderes (executivo, legislativo e judiciário), das prerrogativas que conferiam aos Estados a soberania e, por extensão o direito inalienável de exercício do poder soberano. A economia política moderna mantinha o equilíbrio entre as questões políticas e os interesses econômicos, regulando as relações e tensões entre capital e trabalho na afirmação lenta e gradual de ordenamentos jurídicos que promovessem e preservassem os diferentes e desiguais interesses em disputa.

A política econômica em curso na contemporaneidade se caracteriza entre outras possibilidades pelas seguintes perspectivas:

- a) Circunscrição e circulação global da economia financeirizada⁵. Ou seja, o capital não tem pátria, circula livremente e virtualmente nas bolsas de valores;
- b) A economia financeirizada desvencilha-se cada vez mais das formas tradicionais de trabalho e de obtenção de mais valia calcadas em categorias e atividades profissionais. Articula-se sobre o definhamento das formas tradicionais de trabalho e impõem a lógica da inovação promovendo a automação, formas virtuais e informais de trabalho.
- c) Definha a passos largos “a jornada de trabalho”. Paradoxalmente o trabalho invade todos os espaços e momentos da vida dos indivíduos, invade os fins de semana, os feriados, e até a moradia. Assim o faz, em detrimento das próprias normas trabalhistas, e com o aval de instrumentos e tecnologias utilizados como forma de potencializar tais atividades, como os computadores, os e-mails, o *WhatsApp* e os acessos virtuais aos dados da atividade empresarial desempenhada.
- d) Os indivíduos se submetem a “mais valia” absoluta consumindo diuturnamente a si mesmos na vã tentativa de se apresentarem úteis à lógica do capital;
- e) A remuneração e reprodução vertiginosa da economia financeirizada se estabelece pela especulação e cobrança de juros e, sobre a plena produção e consumo das massas de indivíduos;
- f) Na sociedade do conhecimento, da informação e do espetáculo o único responsável pelo sucesso, ou pelo fracasso, é o indivíduo que investiu, ou descuidou dos cálculos, dos jogos de perda e ganho que as relações impõe. É preciso, portanto, tornar-se empreendedor de si mesmo.
- g) O capital financeiro ao não reconhecer barreiras e fronteiras nacionais à sua circulação promove a redução da soberania dos Estados-nações na definição e condução da política econômica, e assim decisões estatais

⁵Num artigo escrito em conjunto (Peters, Besley, Paraskeva 2015), argumentamos que ‘financeirização’ é um termo que descreve um sistema ou processo econômico que tenta reduzir todo valor que é trocado (seja tangível, intangível, futuro ou presente, promessas, etc) a um instrumento financeiro ou a um derivativo de um instrumento financeiro. A intenção original da financeirização é poder reduzir qualquer produto ou serviço de um trabalho a um instrumento financeiro intercambiável. (PETERS, 2016, p. 11)

obedecem à dinâmica dos interesses de grandes investidores internacionais;

- h) A especulação financeira invade, determina a forma das relações individuais. Administra a vida e a morte de populações a partir de cálculos de custo e benefício de auto-reprodução.

Nas palavras da filósofa italiana, Elettra Stimili, “o que hoje mudou foi substancialmente o fato de que [...] a vida inteira e a própria capacidade humana de conferir a ela um valor. Este fenômeno fica bem evidenciado no processo atual de financeirização da economia” (2015, p. 77-105).

2 A OBRA CINEMATOGRAFICA “O CAPITAL”

Estas são algumas das abordagens anunciadas na obra cinematográfica francesa “O Capital” (Le Capital), lançada em 2013, a qual nos coloca diante da crueldade das formas de extração de valor, das relações humanas na atualidade e, sobretudo, da forma como a visão financeirizada do mundo invade a totalidade das dimensões da existência humana, e das relações entre os indivíduos. Promove dessa forma, o esvaziamento do espaço público como forma qualificada e de reconhecimento humano, para potencializar o espaço privado como o *locus por excelência* do consumo seguro advindo das ininterruptas mensagens, das imagens espetaculares que circunscrevem a guerra de todos contra todos, na luta pela sobrevivência.

Na perspectiva do filósofo italiano Giorgio Agamben, estamos em pleno campo de concentração em constante estado de exceção que se apresenta como paradigma da vida das sociedades contemporâneas. “O campo como localização deslocante é a matriz oculta da política em que ainda vivemos, que devemos aprender a reconhecer através de todas as suas metamorfoses” (AGAMBEN, 2002, p. 182)

3 O DINHEIRO

Diante de tais prerrogativas exordiais, seguem algumas análises sobre passagens do filme. A cena inicial, logo após os créditos do longa, apresenta o presidente de importante instituição financeira acometido de mal súbito num campo de golfe. Um dos principais acionistas ao socorrê-lo, se apressa em ordenar aos demais funcionários da instituição presentes no local: “Caiu no campo de golfe, nenhuma palavra, a ninguém”. Neste sentido, é possível considerar que os prováveis motivos da inusitada ordem sejam: a) controlar a cena e calcular a sanha dos acionistas da instituição financeira em seus jogos de poder para assumir o controle da instituição; b) preservação da imagem de solidez da instituição, evitando especulações e instabilidades entre acionistas e investidores.

Na sequência da cena, um dos executivos de confiança presente no local faz referência a uma das frases preferidas do executivo enfermo: “O dinheiro é um cão que não pede carinho, lance a bola cada vez mais longe e ele a traz indefinidamente.” “Se alguma coisa o dinheiro, com sua função de troca, como valor e enquanto categoria econômica, não suscita é indiferença, ou apatia” (MORÃO, 2011, p. 3). A frase do executivo do banco é impactante na medida em que coloca em jogo variáveis interpretativas sobre “o que é o dinheiro”: a) é uma representação simbólica que impõe, induz, potencializa, ou mesmo reduz comportamentos; b) desencadeia desejos, vontades em possuí-lo, mesmo que para isto exija esforços e ações muitas vezes despropositadas; c) submete os seres humanos ao consumo de si mesmos, de suas energias psíquicas e corporais ao limite; d) alimenta a esperança de que em algum momento se possa alcançá-lo de forma suficiente para que se possa “curtir a vida”; e) representa a “doce” tirania ao qual os seres humanos se submetem quase que (ir)racionalmente; f) a atração do dinheiro na forma de puro meio, o qual impõe diuturnamente formas de vida como expressão de meios sem fim. g) do ponto de vista jurídico, foi só através “do dinheiro” que a troca passou a versão original do comércio, a qual evoluiu para a modalidade de compra e venda. “A moeda que inicialmente, consistia em um bem ou mercadoria capaz de ser trocado por qualquer outro, e não apenas, como acontecia na troca, por um bem determinado, serviu de padrão para as trocas além de possuir um valor intrínseco” (CHAGAS, 2016, p. 40).

Na obra cinematográfica, a ausência do presidente provoca rumores, instabilidades, insatisfações e desconfianças no mercado financeiro. Sob tal perspectiva, a instituição financeira vigia, controla, determina, administra a vida, e também o tempo de vida útil e a morte de seu presidente, bem como articula os jogos de poder internos em relação a sua sucessão. Afirmam literalmente: “Confiemos na metástase do presidente” - uma vez que fora diagnosticado com câncer nos testículos. Outrossim, atentemos para o fato de que o órgão afetado pela doença degenerativa anunciada no filme assume em nossa cultura a ideia de virilidade, de força, de reprodução. A mensagem é clarividente: Para presidir a instituição financeira e os agressivos jogos e artimanhas do mercado é preciso força, consistência, perspicácia. Ao menor sinal de fragilidade, a retirada do presidente necessita ser calculada e providenciada. Em qualquer uma das opções o fundamental é preservar os fundos, os investimentos e a solidez financeira da instituição, bem como de seus acionistas. Em frase literal do principal acionista da instituição: “É preciso preparar o futuro e tranquilizar os acionistas”.

Para entender o que significa a palavra “futuro”, antes precisamos entender o que significa outra palavra, que já estamos habituados a usar apenas na esfera religiosa: a palavra “fé”. Sem fé ou confiança, não é possível algum futuro; só há futuro se pudermos esperar ou crer em algo” [...] toda a nossa fé. Essa esfera é o dinheiro, e o banco – a *trapeza tes pisteos* – e o seu templo (AGAMBEN, 2012, p. 1).

Tudo é reduzido à meio em função da centralidade da acumulação do capital e, sobretudo da manutenção do grau de confiança dos investidores necessária a manutenção do equilíbrio financeiro, do crédito que alimenta a fé no futuro dos acionais e correntistas do banco. O paradoxo aqui se apresenta no fato de que não importa o montante investido, ou depositado que cada cliente possui no banco, o fato determinante é a crença na solidez do banco e, por extensão a crença de que seu dinheiro está bem guardado, bem cuidado, investido e rendendo juros. Tal condição alimenta a fé de segurança financeira e de garantias de futuro.

4 AS INSTITUIÇÕES BANCÁRIAS

Atentemos agora para o nome do banco representado na obra: “Fênix”. Fênix é um pássaro pertencente à mitologia grega antiga e que de tempos em tempos entrava em autocombustão para renascer das cinzas posteriormente. A ave se caracterizava pela sua imponência e, seu ciclo de vida, morte e renascimento. Sua outra característica consiste em se apresentar como símbolo de força e, sobretudo imortalidade. Assim, se paradoxalmente por um lado os investidores advogam pela crescente liberdade de mercado exigindo menos intervenção do Estado na regulação da economia, e menos barreiras - nos moldes do princípio *laissez faire laissez passer*- tornando as fronteiras de povos e países mais porosas, por outro lado anseiam por segurança de seus investimentos.

O sentimento de segurança se estabelece na solidez dos fundamentos de mercado e de suas instituições, na força e perspicácia que possuem para submeter à soberania de povos e países. “A concentração com conglomerados empresariais multinacionais, inclusive instituições financeiras, demonstra-se fenômeno presente em todo o globo, sendo que as operações bancárias também se internacionalizaram e, com efeito, as normas que as regulam, protegendo interesses difusos, públicos e particulares, concomitantemente” (CHAGAS, 2016, p. 585).

Isso significa, por outras palavras, que o capitalismo financeiro – e os bancos que são seu órgão principal – funcionam jogando sobre o crédito – ou seja, sobre a fé – dos homens. [...]. O banco – com seus pardos funcionários e especialistas – tomou o lugar da Igreja e dos seus padres e, governando o crédito, manipula e gerencia a fé. [...]. Dessa maneira, ao governar o crédito, governa não só o mundo, mas também o futuro dos homens, um futuro que a crise torna cada vez mais curto e a prazo determinado. E se hoje a política já não parece possível, isso se deve ao fato de que o poder financeiro de fato seqüestrou toda a fé e todo o futuro, todo o tempo e todas as expectativas. (AGAMBEN, 2012, p. 2)

Outrossim, a garantia de que se houver redução dos lucros advindos da atividade de especulação, o rombo possa ser coberto pelos cofres públicos. A mão invisível do mercado financeiro se sente segura quando amparada pelo Estado, mesmo que as garantias estatais aos contratos e ao pagamento de juros impliquem na redução do acesso a renda, da seguridade social, da saúde e da educação de

sua população. Argumenta neste sentido, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925-):

O Estado tem, portanto, duas coisas a fazer. Primeiro, subvencionar o capital caso ele não tenha o dinheiro necessário para adquirir a força produtiva do trabalho. Segundo, garantir que valha a pena comprar o trabalho, isto é, que a mão de obra seja capaz de suportar o esforço do trabalho numa fábrica. Portanto, ela deve ser forte, gozar de boa saúde, não estar desnutrida e ter o treinamento necessário para as habilidades e os hábitos comportamentais indispensáveis ao ofício industrial (2010, p. 37).

5 A FINANCEIRIZAÇÃO DAS RELAÇÕES PESSOAIS

Ainda nas cenas iniciais apresenta-se um diálogo entre a esposa e seu marido (pretense executivo cotado para ser o sucessor do presidente enfermo). A esposa convida o marido a mudar de vida, a voltar a lecionar, a escrever seus livros, a ter “uma vida normal”, sugerindo que a vida profissional do marido na condição de executivo da referida instituição financeira consumia sua vida. Convidado a abandonar a vida profissional, o executivo responde que seu objetivo é ganhar mais dinheiro. O dinheiro, segundo o personagem, é uma forma viável e possível para conquistar o respeito dos seus pares.

La libertad y autonomia del individuo se caracteriza en términos negativos. Es distancia respecto de los demás. La satisfacción del deseo, independientemente de los otros, es la manifestación de la libertad. El dinero, al establecer la relación exclusiva entre el yo y los objetos, hace posible esa distancia. La posesión del dinero independiza a la persona respecto de otras personas, transformando la satisfacción del deseo en un acto autónomo e independiente (BILBAO, 2000, p. 133).

Nesta breve cena, o casal apresenta em toda sua intensidade os argumentos da financeirização das relações pessoais, profissionais e da vida em sua totalidade. O respeito pela própria condição pessoal e profissional não advém das virtudes conquistadas profissionalmente, ou do comprometimento com as questões públicas, mas pode e é adquirido financeiramente, comprado. Aquilo que pode ser comprado apresenta-se na forma da mercadoria e, como tal pode ser vendido, ou mesmo descartado quando se tornar obsoleto, ou desinteressante nos cálculos de custo e benefício das relações humanas.

Na transição do cargo de presidente do banco Fênix, o presidente que está deixando o cargo, afirma aos acionistas presentes: “Ele servirá as finanças e ao público com respeito à ética e a política para que o Fênix não cesse de renascer”. A referida frase apresenta em toda sua literalidade as contradições e paradoxos nos quais se circunscreve a dinâmica da economia financeira. Instituições econômicas (bancos) não servem ao público, mas sim o oposto: se servem de seus clientes para aumento do próprio capital. Utilizam especulativamente seus recursos para alavancar suas ações, para fazer empréstimos com taxas de juros vantajosas e, por extensão maximizar seus lucros. Neste contexto, a ética e a política são evocadas demarcando de forma inequívoca o império da gestão, da racionalidade administrativa sobre a vida útil e da morte de indivíduos e populações como oportunidades de acúmulo de capital.

Em outra passagem do filme, também se apresenta de forma lapidar e sintomática o fato de que todas as relações tenham se tornados meios, quando citam a denominação da casa do principal acionista do banco Fênix, como sendo: “Palácio das intrigas e das punhaladas pelas costas”. Novamente reafirme-se que na lógica das relações impostas pela gestão econômica e financeirizada das relações humanas e sociais se apresentam sob os imperativos do pragmatismo e do utilitarismo.

No cálculo das relações e nos jogos de poder, sobreviverá ou se beneficiará aquele, ou aqueles que melhor calcularem as probabilidades das jogadas futuras. Tais jogadas implicam na eliminação do outro, ameaça constante ao exercício do poder, as condições de possibilidade de compra do respeito pessoal e social. O outro é apenas um meio, ou mesmo um obstáculo para a realização, ou alcance dos interesses de grupos e indivíduos. Sob esta ótica, a consideração que o sociólogo polonês, Zygmunt Bauman (2004, p. 29), faz para os relacionamentos é pertinente:

[...] a primeira coisa que os bons acionistas [...] fazem de manhã é abrir os jornais nas páginas sobre mercado de capitais para saber se é hora de manter suas ações ou desfazer-se delas. É assim também com outro tipo de ações, os relacionamentos. Só que nesse caso não existe um mercado em operação e ninguém fará por você o trabalho de ponderar as probabilidades e avaliar as chances (a menos que você contrate um especialista, da mesma forma que contrata um consultor financeiro ou um contador habilitado...).

Assim, a lógica da economia invade todos os espaços vitais e relacionais. Com a confirmação de promoção ao cargo de presidente do Banco Fênix, os sogros do personagem Marc Tourneuil, interpretado pelo ator Gad Elmaleh, visitam-no. Na rápida conversa com seus sogros apenas duas questões se anunciam: a) Lhe apresentam uma proposta de investimento possível com rendimentos módicos na lógica da economia popular, ou social; b) ato contínuo questionam qual o valor de seu salário a partir de então.

A financeirização da vida e das relações invade também as relações familiares. Do mesmo modo, a relação com o filho também passa a ser financeirizada. O garoto recebe de presente um cartão de crédito com recomendações quanto ao limite de gastos, ao qual responde com indiferença. A relação financeirizada entre pai filho é marcada pela tentativa de “compra” por parte do pai da atenção do filho, mas também como forma de compensação em relação a sua ausência cotidiana. Por outro lado, o garoto ao ganhar o cartão demonstra a ausência de compreensão em relação a forma como se produz e se distribui a riqueza, ao valor do trabalho que produz os bens e a riqueza desigualmente distribuída socialmente. Ainda neta direção, Marc Tourneuil, em diálogo com sua esposa profere as seguintes sentenças: “Para você o dinheiro é passado, para mim é o futuro”. “Menor o salário, menor o respeito”. “Assim como você eles querem me usar”.

6 O CRÉDITO

O filme apresenta entre outros argumentos, discretamente. Práticas delitivas e tipificadas como a lavagem de dinheiro, previstas pelas Leis 9.613/98 (crimes contra o sistema financeiro), Lei 7.492/86 (crimes contra a ordem tributária econômica e outras relações de consumo) e Lei 8.137/90, a qual protege em comum a incolumidade do Estado e do erário público.

O universo da economia financeirizada não admite ser tributado, fere diretamente os interesses sociais, lesa a patrimônio público e, distorce a relação entre produção, acumulação de riquezas e os interesses sociais e comunitários. “É nas crises que se formam as grandes fortunas, sobretudo onde se tomam certas precauções” afirma o personagem central no filme. “E sem a rede de

relacionamentos sempre crescente entre credores e devedores, a economia global de hoje não funcionará bem”. (FERGUSON, 2010, p. 34). “O crédito e o débito, em resumo, estão entre os blocos essenciais da construção do desenvolvimento econômico.” (Idem, p. 64). Em outras palavras, assim são os títulos creditícios.

A função fundamental dos títulos de crédito, como a evolução histórica revela, é a circularidade [...] trata-se de instrumento de mobilização de economias individuais e de sua transformação em capital produtivo. Indispensável para a sobrevivência econômica de um país há que ser adequado às realidades históricas e necessidades econômicas, protegendo-se cada vez mais, a aparência segura que o crédito inspira o que incentiva sua circulação (CHAGAS, 2016, p. 369).

Assim, “a regulamentação dos títulos deve guardar sintonia com a legislação internacional (cosmopolita), já que as relações comerciais não são apenas nacionais, e os títulos circularão além da fronteira” (CHAGAS, 2016, p. 386).

O filme demonstra, portanto, que a centralidade das preocupações da economia financeirizada se constitui na manutenção e potencialização dos próprios interesses: Em entrevista com presidente do banco pergunta-lhe o repórter: “Senhor Tourneuil, o que acha desta campanha pelo luxo?”, ao que responde: “Eu quero dizer que sou a favor da democracia em tudo [...]”. “O que isto significa?”, “A democratização do lucro é um solução para toda a economia do país”. Nesta direção, nos adverte novamente Zygmunt Bauman (2010, p. 13):

Se a democracia moderna nasceu das necessidades e ambições de uma *sociedade de produtores*, e se as ideias de ‘autoderminação’ e ‘autogoverno’ foram construídas na medida das práticas de produção, a grande questão [...] é saber se tais ideias podem sobreviver à passagem de uma sociedade de produtores para uma sociedade de consumidores”.

Ou ainda, neste contexto marcado pela hegemonia da economia política financeirizada, democracia significa a gestão em todas as suas esferas e relações que vitais que os indivíduos estabelecem em seu cotidiano com o intuito de conferir sentido e finalidade ao seu privado horizonte existencial. Na perspectiva do professor italiano de Antropologia Filosófica Andrea Zhok,

O percurso alternativo, o de levar os cidadãos das democracias a um nível cultural e de discernimento capaz de estarem à altura de uma complexidade crescente fica excluído das próprias dinâmicas do sistema concorrencial:

parcelização dos conhecimentos operativos devido à divisão do trabalho, virtualização, pressão sobre os tempos de trabalho e custo do tempo livre, prevalência da educação técnica e legitimação teórica para ser imposta de maneira significativa no plano econômico, e por isso deve ser deslocada para o plano social. Frente a uma progressiva redução de segurança e seguranças da política se acaba pedindo, além de, perenemente, um 'melhor funcionamento do mercado' [...], uma suspensão de todas as mudanças sociais não especificamente exigidas pela economia. (ZHOK, 2011, p. 4)

Nesta direção é possível considerar as fragilidades da democracia sob a égide da lógica econômica financeirizada e as crises que se abatem sobre os mais diversos governos mundo afora. E, neste sentido, novamente o sociólogo polonês Zygmunt Bauman nos auxilia a compreender as dificuldades que circunscrevem a concepção de democracia na atualidade:

Para ver sentido em exercer sua autonomia, os cidadãos precisam saber a acreditar que a sociedade que apela para seu pensamento e seu trabalho também é autônoma. Se a democracia trata disso, então hoje em dia ela está exposta a uma dupla ameaça. Uma vem da crescente impotência da *ecclesia*, dos poderes públicos, de promulgar 'o que é considerado bom' e implementar o que foi promulgado. A outra ameaça (relacionada à primeira) vem do enfraquecimento da arte de translação entre a *ecclesia* e o *oikos*: as questões públicas e os problemas privados. (BAUMAN, 2008, p. 253).

A velocidade e a virtualidade do capital financeirizado não admitem atrasos ou lentidão em sua lógica de acúmulo. Nesse sentido, com relação aos idosos, a obra cinematográfica anuncia duas perspectivas: 1ª. Como empecilho ao processo produtivo e a partilha das riquezas socialmente produzidas. "Engordam seus fundos de pensão espremendo os mais jovens... são mercadores de escravos. Os velhos estão por toda parte incidem sobre os fundos públicos e privados pressionando por demissões", assim reflete o personagem Marc Tourneuil, presidente do banco Fênix na referida obra cinematográfica. 2ª. Por outro lado, se apresentam como potenciais consumidores de serviços majoritariamente de saúde e lazer, o que pode render significativamente ao sistema financeiro internacional.

Novamente um dos principais acionistas do banco Fênix em conversa com o presidente profere a seguinte sentença: "Sabe Marc as pessoas acreditam que o dinheiro é um instrumento. Estão erradas, o dinheiro é patrão, quanto melhor o serve melhor ele te trata". O fato determinante é que a noção de dinheiro se transformou a

partir de sua condição eletrônica em crédito, numa transcendência na qual depositamos nossa fé, nossas crenças e ansiedade por segurança e salvação.

O dinheiro eletrônico de hoje pode ser transferido do nosso empregador para a nossa conta bancária e daí para nossas lojas favoritas sem jamais se materializar fisicamente. É esse dinheiro ‘virtual’ que agora domina o que os economistas chamam de suprimento de dinheiro [...]. Atualmente, o caráter intangível da maior parte do dinheiro é talvez a melhor evidência da sua verdadeira natureza (FERRGUSON, 2013, p. 32).

Ainda nesta direção, argumenta o historiador francês: “O dinheiro é uma questão de confiança, talvez de fé: confiança na pessoa que está nos pagando, confiança na pessoa que emite o dinheiro que ele usa, ou na instituição que honra os seus cheques ou as suas transferências. O dinheiro não é metal. É confiança registrada [...], o nada pode servir como dinheiro também, nessa era eletrônica”. (FERGUSON, 2013, p. 33). Ou seja, “Não é coincidência que a raiz da palavra “crédito” seja a palavra latina *credo*, “Eu acredito”. (FERGUSON, 2013, p. 34). Da mesma forma, o direito empresarial – ramo do direito comercial, o qual em nosso país regulamenta as atividades de “mercancia” desde o século XIX – assim, conceitua o crédito e os títulos de créditos, como sendo “formados pelos elementos tempo e confiança. “O crédito nasceu a partir das necessidades do trato comercial de obter uma circulação mais rápida que a permitida pela moeda manual, visando facilitar a negociação da riqueza pela troca de bens no tempo” (CHAGAS, 2016, p. 363).

No almoço em família, perguntam à Marc Tournueil: “Se tiver dinheiro onde devo investir?” Ao que responde sem titubear o presidente do banco: “Em sua família. Invista tudo. Os bancos jogam com seu dinheiro e te deixam sem nada”. Outro membro da família impressionado com as altas somas salariais, pergunta: “Quando alguém ganha 150 mil euros por mês, com que ele gasta? O questionamento em torno da vultosa soma salarial, expressa a complexa relação entre acúmulo de capital e seu oposto, a ausência desta possibilidade. Mas, também expressa o questionamento em torno da vontade e do desejo humano de acumulação financeira e os limites de consumo de um ser humano. Pode-se ainda conjecturar que este paradoxo se aprofunda quando se tem no horizonte de análise os limites ambientais em curso.

[...], o ser humano tornou-se definitivamente, com o capitalismo, um 'ser-em-débito': a sua existência é transformada numa falta, num vazio não preenchível, e, precisamente por isso, continuamente vista como algo a reproduzir, mais do que a preencher. Este é o pressuposto para o sujeitamento que através dele se realiza (STIMILLI, 2011, p. 10).

O tio de Marc Tournueil lhe faz um conjunto de ponderações incômodas: “Seu banco demite pessoas e lucra com as demissões. Sangrou as pessoas três vezes: a) a bolsa quer sangue. Você realoca e funcionários perdem seus empregos; b) Você os sangra como clientes; c) Pressiona os estados endividados e quem acaba pagando é o cidadão. E, como funcionário, cliente e cidadão você o fere três vezes. O dinheiro contamina tudo!”

Aos incômodos questionamentos do tio, Marc responde: “O dinheiro não tem fronteiras, o trabalho tampouco. A economia financeirizada realizou o sonho da juventude de sua geração promovendo a circulação de bens, serviços, capitais e recursos em âmbito global. O dinheiro nunca dorme e, como leite no fogo se não o vigia evapora e é preciso demitir”. “Enriqueço os ricos e empobreço os pobres. O ideal dos banqueiros é proteger o dinheiro dos outros. Banqueiros não se denunciam. “A ética da bolsa é como a ética militar, sobrevive quem atira primeiro”.

Submissão dos Estados aos bancos e acionistas predadores, a ditadura dos mercados, a especulação, as agências de qualificação inimigas do poder político e, da sociedade; os estados democráticos que já não poderão governar nem controlar os bancos que os asfixiam. “A doutrina anuncia que a própria regulamentação dos títulos de crédito, por exemplo, guarda sintonia com a legislação internacional (cosmopolita), já que as relações comerciais não são apenas nacionais, e os títulos circularão além da fronteira” (CHAGAS, 2016, p. 386).

Na lógica da economia não há espaço para paixões, utopias; tudo é jogo, às vezes injusto e cruel, mas um jogo planetário e ninguém pode dizer não quero mais jogar. Nos jogos há ganhadores e perdedores. Os ganhadores podem perder e os perdedores podem ganhar. Esta é a condição paradoxal da economia financeirizada.

7 O PARADOXO: POR QUE NÃO PEDIMOS POR ÉTICA NA ECONOMIA?

A referida obra cinematográfica ainda apresenta o seguinte argumento: “No mundo das finanças o que difere o que é legal do que é ilegal é somente o preço”.

Aqui se apresenta em toda sua contundência, adágios e comentários populares, reveladores desta concepção, entre eles: “Todo homem tem seu preço”; “Se você tiver dinheiro não vai ser preso”; “Para o povo as leis são diferentes”; “Aos amigos do rei as benesses da lei. Aos inimigos, os rigores da lei”.

É preciso controlar pensamentos, vigiar comportamentos, antecipar as ações, “vasculhar o lixo das negociatas entre interesses públicos e interesses privados”. Ademais, o capital financeiro não tem interesse em empréstimos sociais na medida de seu baixo retorno financeiro. As questões sociais, de micro-crédito necessárias ao incentivo da economia popular são responsabilidades do Estado. O banco Fênix, instituição financeira que se alimenta da especulação, se propõe paradoxalmente “a uma abordagem ética” operando por meio do estrangulamento o financiamento social e, em contrapartida valorizando mercadologicamente, ou repassando para a sociedade seus “ativos tóxicos”, que contaminam a saúde financeira da instituição. A esta forma de conduta os acionistas do banco se referem como uma abordagem com um pouco de dignidade ética.

Em outra passagem do longa, há uma conversa entre um grupo de investidores norte americanos do banco Fênix, os quais apresentam as seguintes frases lapidares: “Somos seus únicos amigos”; e após um conjunto de exigências (entre amigos) anunciam: “os meios que irá utilizar, são problema seu”; “caçamos em bando... precisamos que se junte ao bando”. Aqui se apresenta uma vez mais a agressividade com a qual operam os acionistas da referida instituição. A amizade apresenta-se de forma pragmática entre executivos do banco e acionistas, e isto implica em jogos de poder, em cálculos estratégicos de vida, ou morte entre pares como forma de manter o controle e as benesses que podem ser adquiridas a partir da manutenção de tal condição. A atividade do bando no alcance de seus objetivos não reconhece outras regras a não ser as regras da ação agressiva e conjunta na manutenção dos próprios interesses.

Desdobramento do argumento acima destacado apresenta-se em dado momento do filme outras reflexões, nas seguintes passagens: “Dependemos de um fundo especulativo que viaja a velocidade da luz”; “Não vão nos julgar a partir de uma suposta ética bancária, mas a partir das cifras”. “Os acionistas são ferozes”; Corrobora com estas reflexões Stimilli: “As operações econômicas alcançaram um grau extremo de abstrações e são cada vez mais dependentes de transações

financeiras que determinam o andamento mundial de modo aparentemente autônomo com relação à economia real e às existências individuais” (2015, p. 2).

Em comunicado a todos os seus colaboradores, diga-se também funcionários, o banco Fênix promove programa de demissões voluntárias, intitulado: “Plano Social”, assentado em três eixos: 1. Ajuste de pessoal; 2. Obrigação de competitividade; 3. Futuro da empresa. O presidente do banco propõe a colaboradores e funcionários: “Deixemos o passado para trás e juntos iniciemos um diálogo enriquecedor para fazer o banco Fênix o número Um - para os seus clientes é claro - mas sobretudo para as pessoas que trabalham aqui [...] é um debate em família que renovará nossa energia coletiva [...] para que o Banco Fênix renasça de suas contradições internas [...] meus amigos é hora de abriremos nossos corações e nossas mentes [...]”.

Neste discurso de duplo sentido, para os colaboradores e funcionários alimentando esperanças de garantia de seus empregos, de ascensão na carreira, de aumento salarial, mas ao mesmo tempo preparando os espíritos para as demissões exigidas pelos acionistas, a mensagem do banco demonstra a racionalidade calculadora que subjaz sua ação. Ademais, as demissões são acordadas entre acionistas e governo contemplando interesses financeiros e políticos em detrimento do trabalho e do acesso a renda a centenas de milhares de funcionários do banco.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizamos estas reflexões, mas longe de concluir as perspectivas analíticas que o filme enseja, a estrutura financeirizada em que estamos inseridos, apresenta-se sintomática e a palavra ética é invocada inúmeras vezes e em diversas passagens do longa. Naquelas citações, a “ética” é apresentada referendando o cálculo dos interesses inerentes aos jogos de poder dos acionistas.

Ou dito de outro modo, apresenta-se em seu reverso, como impossibilidade ética diante das ações predatórias e aviltantes das relações humanas e sociais requeridos pela lógica do capital financeiro. A mensagem que subjaz aos discursos dos protagonistas da economia financeirizada é de que não há limites possíveis a economia. Apresenta-se como um poder transcendente que impõem e determinam a

vida, as formas de vida que circunscreve a existência humana de forma inquestionável.

Entre os méritos que circunscrevem a obra cinematográfica em análise ao longo deste artigo está o fato de apontar para a hegemonia, para o exercício do poder soberano por parte da política econômica na atualidade. Nesta perspectiva, Estados foram reduzidos a agências garantidoras dos contratos de remuneração do capital financeiro global. Governos cumprem as exigências de segurança e rentabilidade do capital, submetendo sua população a ajustes fiscais que conduzem ao empobrecimento, que comprometem o presente e o futuro nas novas gerações.

Assim, pode-se considerar que a economia financeirizada que se instaurou a partir dos anos 70 do século XX e, que se apresenta nestas primeiras décadas do século XXI em toda sua potencialidade demarca a instauração de forma clarividente de um novo regime de acumulação de capital. Regime de acumulação que se realiza por conta dos avanços tecnológicos diuturnamente em toda a extensão dos povos e culturais presentes no mundo. Este regime de acumulação a partir da lógica da financeirização da economia destituiu o dinheiro de sua materialidade, a partir do qual os seres humanos alcançavam noções de tempo e valor de produção, de tempo de uso e, de troca dos bens produzidos pela noção de crédito.

O crédito apresenta-se assim como a transcendência da economia. Sacralizada em seu pressuposto fundamental, passa a exigir dos seres humanos e dos povos sacrifícios e, sobretudo que se cultive a fé no crédito. Sem fé e sem crédito não há presente e, o futuro está comprometido, a vida humana e sua multiplicidade de relações existenciais e com o mundo em sua totalidade está hipotecado. Compreender a dinâmica da economia financeirizada em sua dimensão ontológica, o crédito, é o desafio de nosso tempo e, o compromisso de devolver às futuras gerações a primazia da política, da ação comum entre os seres humanos na constituição de um mundo que acolha e promova a vida em sua necessária condição e dignidade.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Econômicos**. Introdução, notas e tradução do original grego e latino Delfim F. Leão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer o poder soberano e a vida nua I**. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

_____. O futuro e a crise. Trad. Selvino José Assmann. In: AGAMBEN, Giorgio. **II futuro e la crisi**. Texto de difusão gratuita aos cuidados das Edições Nottetempo. Acessado em 27.02.2012 em: <<http://www.losguardo.net/public/archivio/docs/agamben.pdf>>.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**. Sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. **A sociedade individualizada**: Vidas contadas e histórias vividas. Tradução José Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. **Vida a Crédito**: Conversas com Citlali Roviroso-Madrazo. Tradução Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BILBAO, Andrés. El dinero y la libertad moderna. **Reis: Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, Madrid, n. 89, p. 119-139, 2000. Disponível em: <www.redalyc.org/articulo.oa?id=99717889005>.

CHAGAS, Edilson Enedino. **Direito empresarial**. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

FERGUSON, Niall. **A ascensão do dinheiro**: a história financeira do mundo. Tradução Cordélia Magalhães. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2009.

PETERS, Michael A. Economias Biopolíticas da Dívida. Trad. Wilney Ferreira Giozza. **Cadernos IHU Ideias**, São Leopoldo, v. 14, n. 236, p. 3-16, 2003.

STIMILI, Elettra. Dívida e Culpa: Entre teologia política e teologia econômica. Trad. Selvino José Assmann. In: STIMILI, Elettra. **Debito e Colpa**. Roma: Ediese, 2015, p. 77-105.

_____. O débito do ser vivo. Ascese e capitalismo. Trad. Selvino José Assmann. In: STIMILLI, Eletta. **II debito del vivente**. Ascesi e capitalismo. Macerata. Quodlibet, 2011, p. 9-31.

ZHOK, Andrea. O espírito do dinheiro e a liquidação do mundo. Trad. Selvino José Assmann. In: ZHOK, Andrea. **Lo spirito del denaro e la liquidazione del mundo**. Antropologia filosófica delle transazioni. Milano: Jaca Book, 2006, p. 360-370.

Artigo recebido em: 03/07/2018

Artigo aprovado em: 05/07/2018

Artigo publicado em: 18/07/2018